



Tudo que você
precisa saber antes
de prestar **Economia**

Gabriela Cheib - Estudante de Economia



Sumário

Introdução

Capítulo 1

Economia não é o que te contaram

Capítulo 2

A ideia que organiza tudo

Capítulo 3

As ferramentas da escolha

Capítulo 4

Como o economista sabe o que sabe

Capítulo 5

Como ter certeza de que o curso de Economia é para você?

Capítulo 6

O que torna um curso de Economia sério

Fechamento

Você já escolheu



CAPÍTULO 1

Economia não é o que te contaram

Pergunte a dez pessoas o que é Economia e você vai ouvir alguma combinação de três respostas: é sobre dinheiro, a bolsa de valores, e algumas contas difíceis.

Nenhuma está errada, mas todas são pequenas demais. Antes de decidir se Economia é o seu curso, vale desfazer o que provavelmente te contaram sobre ela, porque a versão reduzida afasta justamente quem mais se daria bem na área.

1.1 · As quatro caricaturas

Não é só finanças

Economia e Finanças se tocam o tempo todo, e muita gente boa em Economia vai trabalhar no mercado financeiro. Mas Finanças é uma aplicação da Economia, não o seu objeto. Quem estuda Economia só para aprender a investir está olhando para um cômodo de uma casa enorme.

Não é só prever a bolsa de valores

Economista sério não vive de adivinhar se a bolsa sobe ou cai amanhã. Quem promete isso normalmente está vendendo alguma coisa. O que ele faz é entender por que os mercados se comportam como se comportam: o que move os preços, o que provoca uma crise, por que as pessoas compram o que compram.

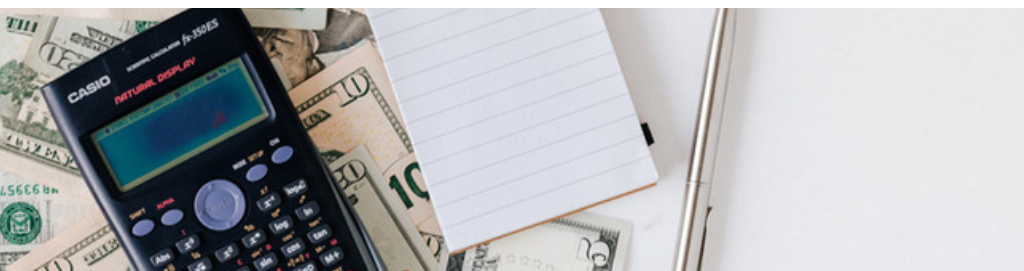
Não é só fórmula e conta

Economia usa bastante matemática, e vamos falar disso com franqueza mais adiante. Mas a matemática ali é ferramenta, não ritual: ninguém decora fórmulas, raciocina-se com elas. Quem gosta de pensar e não tem medo de número está no lugar certo. Quem espera decorar e repetir vai estranhar.

Não é só ganhar dinheiro

Essa é a redução mais comum. A formação de fato abre muitas portas, e falaremos delas. Mas o objeto da Economia não é o seu salário; é como as escolhas das pessoas e das sociedades geram, ou destroem, riqueza.

Desfeitas as quatro, sobra a pergunta honesta: então o que é? Antes de responder, ajuda olhar para os cursos com que a Economia é mais confundida.



1.1 · Economia e seus vizinhos

Cada curso vizinho responde a uma pergunta diferente. A Engenharia pergunta: como construir e fazer funcionar? A Administração: como gerir bem o que existe? O Direito busca a arte do justo no caso concreto. E a **Economia pergunta: por quê?** Por que as pessoas e as sociedades escolhem o que escolhem, e o que resulta disso.

O engenheiro é um excelente solucionador de problemas, e por isso é requisitado até longe da Engenharia. Mas ninguém faz Engenharia em geral: faz elétrica, mecânica, de produção. Cada uma treina o olhar para um domínio específico. É uma formação poderosa e, por desenho, estreita. O que ela não entrega, porque não é o seu objetivo, é uma visão do ser humano, do mercado e da sociedade como um todo. E há um detalhe concreto: a Engenharia foi pensada para um mundo determinístico, em que se faz a conta e a peça sai, então usa pouca estatística.

O administrador e o contador são formados para fazer os processos de uma organização funcionarem bem. Mas a formação deles dá pouco espaço aos métodos quantitativos que permitem questionar um processo e refazê-lo a partir dos dados. Operam bem o que existe; reinventar já é outra conversa.

O economista combina as duas metades: os métodos, a estatística e os dados de um lado, e a compreensão dos problemas humanos do outro, como as pessoas decidem, como um mercado funciona, como uma sociedade se move. Por isso as perguntas dele são tão integradas: ele quer saber por que uma variável afeta outra, mesmo quando o assunto parece não ter nada a ver com Economia.

A consequência prática é a **versatilidade**. O mesmo economista pode ir para o lado técnico de um banco, como risco e tesouraria, ou para o lado relacional, desenhando e comunicando estratégia. Pode trabalhar em empresa, governo, mercado financeiro ou academia, e depois se especializar em quase qualquer direção. A formação do Economista foi desenhada para a amplitude e versatilidade.



O professor Veneziano Araújo, coordenador do curso de Economia da Belavista, gosta de começar as aulas respondendo isso de frente. **Economia é a ciência de gerir recursos escassos e, num sentido mais amplo, de entender a ação humana individual e coletiva.** Vale para a pequena escala, as escolhas de uma pessoa ou de uma empresa, e para a grande, as escolhas de um país inteiro: é a diferença entre Microeconomia e Macroeconomia. E usa duas coisas ao mesmo tempo: os métodos, o lado quantitativo, e o conhecimento dos problemas humanos, o contexto e o comportamento.

Economia é o estudo das escolhas - individuais e coletivas - e de como elas moldam a sociedade: eu escolho como indivíduo, nós escolhemos como sociedade. É por isso que ela também atrai quem cogitaria **Relações Internacionais**: a pergunta sobre como uma sociedade decide e prospera está no coração dela. Mas definição não muda como você pensa - o que muda é entender a engrenagem por trás dela: por que escolhemos, o que cada escolha custa e como isso se soma numa sociedade inteira, que é o que o próximo capítulo abre.



CAPÍTULO 2

A ideia que organiza tudo

Tudo o que a Economia tem, dos modelos às teorias premiadas com o Nobel, cresce de uma raiz só: o mundo não tem tudo o que as pessoas querem. A partir daí, uma coisa puxa a outra, e é essa corrente que este capítulo monta. Quando ela estiver montada, você já vai estar pensando como economista.

2.1 · Tudo começa na escassez

Um dos conceitos mais importantes da Economia é o de escassez. Ele não quer dizer miséria; quer dizer apenas que os recursos são finitos, mas os desejos, não. Seu tempo é escasso: as 24 horas de hoje não esticam. O dinheiro de uma família é escasso. O orçamento de um governo é escasso: cada real gasto numa creche é um real que deixou de ir para um posto de saúde. E **como nada é infinito, somos obrigados a escolher, o tempo todo**. A Economia começa aqui, no instante em que a escassez nos força a escolher.

2.2 · Toda escolha tem um custo

Aqui aparece a primeira ideia genuinamente econômica. O custo de uma escolha é aquilo que você deixa de fazer para realizá-la. Os economistas chamam isso de custo de oportunidade. Não é só o custo em dinheiro: se você usa a tarde de sábado para trabalhar, o custo é o descanso que abriu mão. **Toda decisão é uma troca, um trade-off**. Você nunca só ganha; você troca uma coisa por outra.

Aplique isso à escolha que te trouxe até aqui. Cursar Economia tem um custo de oportunidade: é o outro curso que você não fará, seja Direito, Engenharia ou Administração. A pergunta certa não é "o que eu ganho com Economia?", e sim "o que eu ganho com Economia em vez de ganhar com a minha melhor alternativa?". Parece detalhe, mas muda tudo.



2.3 · “O que é” e “o que deveria ser”: a lente

Há um jeito comum de esconder o custo de uma escolha: falar do mundo como ele deveria ser, e não como ele é. Pense no professor de cursinho que diz que o país seria justo se todos tivessem educação, saúde e segurança de primeira. Soa nobre, e é fácil, porque não custa nada dizer. Ele descreveu um mundo desejável sem dizer de onde sairiam os recursos e o que deixaria de ser feito no lugar.

O economista treina o contrário. Ele separa duas perguntas que andam embaralhadas: **o que é, como o mundo de fato funciona, e o que deveria ser, como gostaríamos que funcionasse**. A primeira é a economia positiva; a segunda, a normativa. “Aumentar o salário mínimo reduz as vagas com carteira assinada?” é positiva: os dados podem testar. “O salário mínimo deveria ser maior?” é normativa: depende de valores.

E por que insistir nessa separação? Porque é ela que torna os custos visíveis. Quando você troca “o que seria bom?” por “o que é, e o que isso custa?”, ganha uma lente nova. Quem cursa Economia descreve essa virada sempre do mesmo jeito: depois dela, não dá mais para ler uma notícia ou uma promessa de campanha como antes.





2.4 · Das escolhas individuais à sociedade

Até aqui, escolhas individuais. Mas a mesma lógica sobe de escala, e é aí que a Economia fica ambiciosa. A pergunta que mais fascina os economistas talvez seja esta: como milhões de escolhas de pessoas que nem se conhecem se combinam no resultado de uma sociedade inteira?

Parte da resposta está nos preços. Quando o preço de algo sobe, milhões de pessoas ajustam o que produzem e consomem, sem ninguém coordenar. O preço carrega informação: avisa onde algo falta e onde sobra. Foi o economista Friedrich Hayek quem descreveu os mercados como um sistema de informação, um jeito de coordenar o conhecimento espalhado por uma sociedade, que ninguém sozinho conseguiria reunir.





É aqui que a Economia faz sua pergunta mais importante: **por que algumas sociedades prosperam e outras não?**

Tem muito a ver com as escolhas que uma sociedade faz e com as regras, as instituições, que moldam essas escolhas. Se esse tipo de pergunta acende algo em você, há uma porta aberta para conhecer dois grandes livros do universo econômicos: “A Riqueza das Nações”, de Adam Smith e “Por que as Nações Fracassam”, de Daron Acemoglu e James Robinson, vencedores do Nobel de 2024 justamente por estudar esse tema. Lê-se quase como história, e existe em português. Quem quiser ir além pode procurar “Good Capitalism, Bad Capitalism”.

E repare: **a pergunta não é “como eu fico rico?”, e sim “por que sociedades inteiras enriquecem ou empobrecem?”**. A Economia, no seu melhor, não é um manual de enriquecimento pessoal. É a tentativa de entender, e melhorar, a vida de muita gente ao mesmo tempo.

Você já tem a raiz: escassez, escolha, custo, e a lente que separa o que é do que deveria ser. Agora dá para entrar na oficina do economista, onde essas ideias viram ferramentas de decisão. É o coração deste livro, e começa no próximo capítulo.



CAPÍTULO 3

As ferramentas da escolha

Toda vez que você decide algo, do que comer no almoço ao que fazer no fim de semana, faz um cálculo quase sem perceber. Os economistas passaram um século desmontando esse cálculo em peças, e cada peça é uma ferramenta de decisão. Este capítulo entrega quatro delas. Você não vai só entender o que cada uma é: vai usá-las, ainda aqui, na decisão que tem em mãos, a de que curso fazer.



3.1 · Otimizar: fazer o melhor com o que se tem

Por que você está lendo este livro agora, em vez de fazer outra coisa?

Qualquer que seja a resposta, você fez uma conta. Pesou o que ganha lendo, descobrir se Economia é o seu caminho, contra o que isso custa, o seu tempo. **Se continuou, foi porque o ganho pareceu maior que o custo.** Os economistas chamam isso de otimizar: dadas as opções, escolher a que traz o maior benefício líquido, o que você ganha menos o que aquilo custa, o seu custo de oportunidade.

Mas otimizar não é acertar sempre. As pessoas erram, mudam de ideia, se arrependem. O economista não supõe que somos calculadoras perfeitas. A ideia é mais simples: diante das opções, cada um tenta fazer a melhor escolha para si com a informação que tem.





3.2 · Pensar na margem

Esta é a ferramenta mais útil, e a que as pessoas mais ignoram. Você já comeu quatro brigadeiros. A pergunta não é se você gosta de brigadeiro, e sim se vale a pena o quinto: o prazer dele é menor que o do primeiro, e o enjoo, maior. Pensar na margem é avaliar não a coisa inteira nem a média, mas o próximo passo.

Parece óbvio, mas poucas pessoas fazem nas decisões que importam. Numa feira, o dono de uma barraca de pastel se pergunta se vale ficar aberto mais uma hora. A conta errada olha a média: “faturó R\$ 80 por hora, logo mais uma hora dá mais R\$ 80”. A conta certa olha a margem: naquela última hora, com a feira vazia, passam talvez três clientes, e o gás, a luz e o cansaço podem custar mais do que eles rendem. Na média compensa; na margem, não.

Aplique isso a você. A maior trava de quem pensa em Economia é a matemática, e a pergunta que quase todos fazem é “eu sou de exatas?”. É a pergunta errada, porque trata tudo como um bloco só. A certa é sobre a margem: o próximo passo vale a pena? O curso não joga você na matemática pesada no primeiro dia; avança um degrau por vez. A questão real não é se você dá conta de tudo, e sim se topa dar mais um passo e depois avaliar o seguinte.

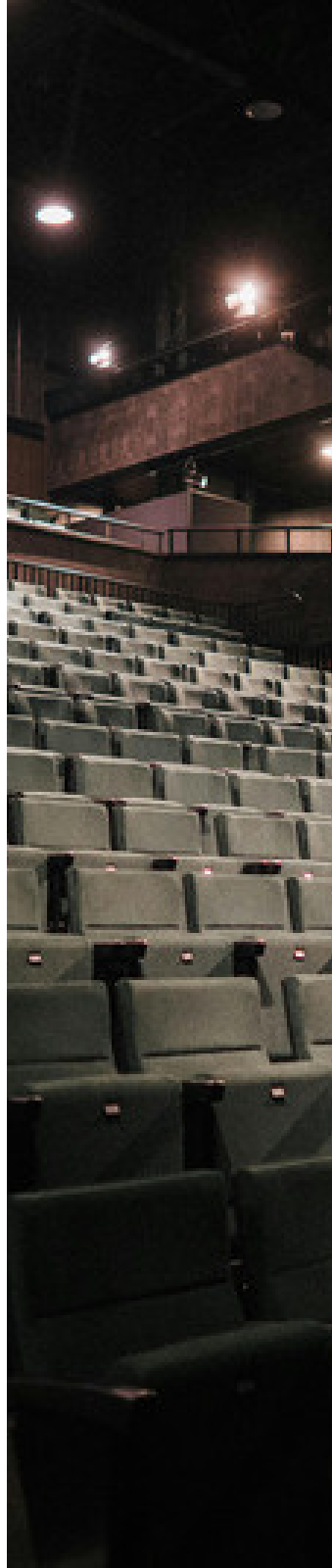


3.3 · Ignorar o que já foi gasto

Você paga R\$ 40 num ingresso de cinema. Vinte minutos depois, o filme é claramente ruim. Você fica até o fim para não desperdiçar o dinheiro, ou vai embora?

Quase todo mundo fica, e quase todo mundo erra. Os R\$ 40 já foram, e você não os recupera nem ficando nem saindo. **Eles são o que os economistas chamam de custo irrecuperável, ou sunk cost.** A regra é simples: o que já foi gasto não deve entrar na decisão sobre o que fazer agora. A única pergunta que importa é sobre o futuro. Valem mais os próximos noventa minutos vendo um filme ruim, ou fazendo outra coisa? Colocada assim, a resposta é fácil, e não tem relação com os R\$ 40.

Isso é difícil porque odiamos a sensação de ter desperdiçado. Então insistimos no filme ruim, no livro chato, no projeto que já não faz sentido. E cada hora afundada em algo que não vale mais tem um custo de oportunidade: é uma hora que poderia estar em outra coisa. Vale para este livro também. Se você passou anos se imaginando em um certo curso, isso é passado, e não basta para escolhê-lo se, olhando para a frente, outro faz mais sentido.





3.4 · Quando todos estão bem

As três ferramentas anteriores eram sobre como uma pessoa decide. Esta é sobre o que acontece quando muita gente decide ao mesmo tempo, cada um no seu interesse. O nome é equilíbrio.

Pense numa feira com várias barracas de tomate. Se uma delas coloca o preço bem abaixo, os clientes correm para lá, ela vende tudo e logo percebe que pode cobrar mais. Se outra cobra caro demais, encalha e precisa baixar. **Sem ninguém coordenando, os preços se ajustam** até um ponto em que ninguém ganha muito mudando de ideia. Esse ponto é o equilíbrio: a situação em que, dado o que todos estão fazendo, nenhuma parte tem incentivo para mudar.

O que segura o equilíbrio não é ordem, é incentivo: cada um faz o que é melhor para si, e o resultado coletivo se acomoda sozinho. Num mercado que funciona, esse ponto costuma ser onde as trocas boas para os dois lados já aconteceram. Quando está todo mundo bem, em geral não é por acaso, e sim o que a troca livre tende a produzir. Por isso a pergunta do economista diante de quase tudo é a mesma: isto é um equilíbrio, ou alguém ainda tem incentivo para mudar?

Você tem agora quatro ferramentas: otimizar, pensar na margem, ignorar o que já foi gasto e enxergar o equilíbrio. Falta uma pergunta que um bom economista nunca deixa de fazer: como ele sabe que tudo isso é verdade, e não vale só no papel? É o que o próximo capítulo enfrenta.



CAPÍTULO 4

Como o economista sabe o que sabe

O capítulo anterior mostrou as ferramentas com que o economista decide. Falta a pergunta que separa a Economia do achismo: como ele sabe que o que pensa é verdade? É aqui que ela vira, de fato, uma ciência.

4.1 · Um modelo é um mapa

Comece por uma palavra que assusta à toa: modelagem matemática. Um modelo econômico não é uma fórmula mágica. **É só uma descrição simplificada da realidade, feita para ajudar a entendê-la.** Pense no mapa do metrô de São Paulo. Se o compararmos ao mundo real, diríamos que ele mente: as distâncias estão erradas, as

ruas somem, as curvas viram linhas retas. E é útil exatamente por isso. Se mostrasse cada detalhe da cidade seria difícil encontrar a única informação relevante para quem está dentro do vagão: em qual estação eu desço. Ou seja, ele não serviria para nada. Um modelo funciona igual.

Ele deixa coisas de fora de propósito, para que você enxergue o que importa.

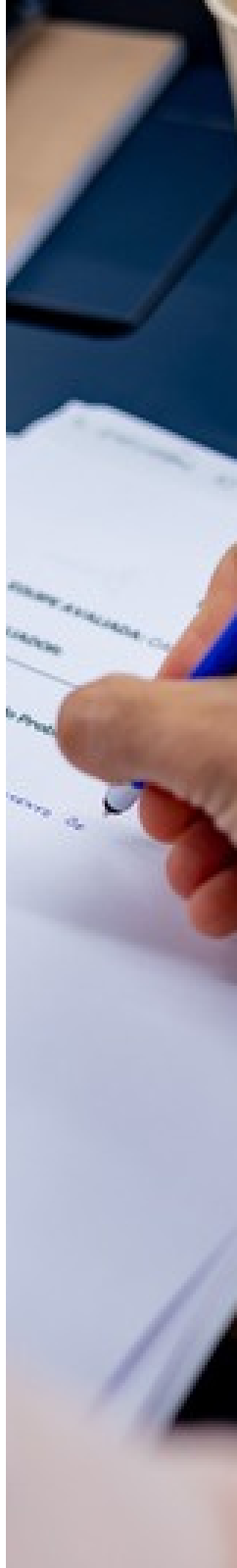
Economistas às vezes chamam o modelo de teoria, e dá no mesmo. O que faz um modelo valer alguma coisa é uma exigência só: ele precisa gerar previsões que se possa testar.

Se o tema te interessa, o professor Veneziano costuma indicar o livro *"Economics Rules"*, de Dani Rodrik, professor de Harvard, que explica por que os modelos da Economia são úteis mesmo sendo simplificações.

4.2 · Teoria vs. Prática

Um mapa só é bom se leva você aonde precisa ir. Com um modelo é igual: ele só é bom se resiste ao teste dos dados. Por isso o economista não para na teoria elegante. Ele faz a seguinte pergunta: isso se confirma na prática?

Esse é o método científico, e tem dois passos. **Primeiro você constrói um modelo, depois o testa com dados.** Pegue uma pergunta simples: vale a pena fazer faculdade? Um modelo pode prever que mais anos de estudo elevam a renda. Isso não fica no "eu acho". Você vai aos dados e verifica se é mesmo verdade, e de quanto. É para isso que servem Estatística e Econometria, que aparecem cedo no curso: elas são as ferramentas com que se separa o que é verdade do que só parece verdade.





4.3 · Correlação não é causalidade

Testar bem é mais difícil do que parece, e aqui mora o erro mais comum de todos. Duas coisas andarem juntas não significa que uma cause a outra.

Um exemplo. Empresas que patrocinam muito esporte costumam vender mais. É tentador concluir que o patrocínio causa as vendas. Mas talvez seja o contrário: quem já vende muito é que tem dinheiro para patrocinar. Trocar a causa pelo efeito desse jeito tem um nome: causalidade reversa. Há ainda outra armadilha, a variável omitida, quando um terceiro fator explica os dois lados. Bairros com mais livrarias podem ter menos crimes, mas não é a livraria que reduz o crime. É a renda, que traz as duas coisas juntas.

Separar causa de simples coincidência é uma das habilidades mais valiosas que existem, e não só na Economia. Serve para ler uma notícia, julgar uma promessa e decidir quase qualquer coisa com mais clareza.



4.4 · Quando o modelo falha

E quando os dados dizem que o modelo está errado? Aí vem a parte mais interessante: o economista não defende a teoria, ele a corrige.

Durante muito tempo, os modelos supunham que as pessoas eram perfeitamente racionais e sentiam ganhos e perdas do mesmo jeito. Os dados mostraram outra coisa: perder R\$ 100 dói mais do que ganhar R\$ 100 alegra. Em vez de ignorar o incômodo, a Economia foi buscar ajuda na psicologia e criou um ramo novo, a Economia Comportamental, que estuda como as pessoas de fato decidem. Isso mostra o tipo de ciência que a Economia é. Moderna, que se corrige quando erra, e aberta o bastante para pegar ideias de outros campos e mudar as próprias.

Dois livros abrem bem essa porta, e o Veneziano recomenda os dois: “Previsivelmente Irracional”, de Dan Ariely, e “Misbehaving”, de Richard Thaler.



Você já sabe agora o que é a Economia, como o economista pensa e como ele testa o que pensa. Falta a pergunta mais pessoal de todas: isso é para você? É o que a próxima parte enfrenta.



CAPÍTULO 5

Como ter certeza de que o curso de Economia é para você?

Até aqui, este livro tentou mostrar o que a Economia é e como um economista pensa. Agora a pergunta muda de direção e aponta para você. Ela não é “você é inteligente o bastante?”. É outra, mais honesta e mais útil: isso combina com você? As próximas páginas ajudam a responder, e algumas delas vão pedir sinceridade em vez de otimismo.

5.1 · O teste do estômago

Existe um teste simples, e ele não está numa prova. Volte às ideias dos capítulos anteriores: custo de oportunidade, pensar na margem, correlação que não é causa. Quando você leu aquilo, o que sentiu? Deu vontade de entender mais e talvez tentar aplicar esses conceitos na sua próxima decisão, ou deu preguiça?

Essa reação vale mais do que qualquer nota. Se as ideias te empolgaram, é um bom sinal. Se te cansaram, é um sinal também, e vale ouvi-lo. O que você precisa notar é uma combinação específica. **O aluno que se dá bem em Economia costuma gostar de duas coisas ao mesmo tempo: de números e de ideias.** Ele gosta de contas, mas também curte história, filosofia, entender por que o mundo é como é. Quem gosta só de conta, sem paciência para o resto, se frustra. Quem gosta só de ideia, mas não tolera número, também. A Economia vive no encontro dos dois.



Empresa

Apresentar a empresa

- Explicar o BTO
- Perfil (informações gerais, pontos de destaque)
- História (Pacheco → BTO, A...)
- Falar com notícias da imprensa sobre empresas estão envolvidas



5.2 · A questão da matemática

Vamos falar do medo mais comum, sem rodeio. Sim, Economia tem bastante matemática. Não é impossível, não exige ser um gênio, mas pede uma base sólida, e quem entra achando que dá para fugir dela vai se decepcionar. Um lado quantitativo sólido é central para qualquer bom economista.

Agora, o ponto que quase ninguém explica. O filtro não é talento, é disposição. A pergunta certa não é “eu sou bom em matemática?”, e sim “eu topo a matemática?”. Se você encara, mesmo sem se achar um gênio, está no jogo. Se você odeia de verdade e jamais quer chegar perto de um número, então não é a sua área, e está tudo bem saber disso agora. Como vimos antes, o curso não cobra tudo de uma vez. Ele avança um passo por vez, e a pergunta que importa é se você topa dar o próximo.



5.3 · As nove capas

Olhe as nove capas reunidas aqui. São livros que o professor Veneziano costuma recomendar, e juntos eles dizem uma coisa importante: Economia não é um assunto só. Tem livro sobre por que alguns países enriquecem, livro sobre como a nossa cabeça nos engana na hora de decidir, livro sobre os bastidores do mercado financeiro, livro sobre o método da própria ciência. É um leque largo, e cabe gente muito diferente dentro dele.



Faça com essas capas o mesmo teste do estômago. Dá vontade de abrir algum, ou parece lição de casa? Um deles conta a maior briga de ideias da história da Economia, entre Keynes e Hayek, dois pensadores que discordavam de quase tudo. Isso é próprio da área: economistas divergem, e é justamente aí que ela fica interessante. Boa parte desses livros está em português, e alguns são em inglês. O curso é bilíngue, e ler em inglês faz parte do convite.



5.4 • A rotina real

Por último, a verdade sobre o dia a dia. Economia é um curso exigente. Você vai ler bastante, e a cobrança aumenta com o tempo. Mas há um detalhe que muda tudo, e é justo dizê-lo: a exigência é escalonada. Você não começa pelo nível mais difícil.

A matemática e o inglês entram de forma progressiva. No primeiro semestre você pratica; no segundo, começa a usar de verdade. As matérias abrem mais intuitivas e vão ficando mais matematizadas, e esse aumento é gradual até por volta do quarto período, quando estabiliza. Ninguém é jogado no fundo da piscina. O curso pede fôlego, mas dá tempo de construir esse fôlego. A pergunta, no fim, não é se você aguenta o pico logo de cara. É se você topa subir, degrau por degrau.



Se essas respostas te animaram, em vez de te assustar, isso já diz muito. Falta só uma pergunta, e ela não é sobre você, é sobre a escola: como escolher um bom curso de Economia? É o que a próxima parte enfrenta.



CAPÍTULO 6

O que torna um curso de Economia sério

Você chegou à última pergunta, e ela é a única que não é sobre você. É sobre a Faculdade de Economia. Porque há um detalhe incômodo que este livro precisa dizer: nem todo curso que se chama Economia entrega o que você leu aqui. Muitos ensinam a teoria, mas não o método; ou o método, mas com um lado de Humanidades atrofiado. A boa notícia é que agora você tem como julgar. Use os critérios abaixo em qualquer curso que for avaliar, o nosso inclusive.



6.1 · Os critérios de um curso sério

Um bom curso de Economia se reconhece por quatro coisas. **Primeiro**, ele leva o quantitativo a sério: estatística, econometria, programação e dados não podem ser enfeite nem aparecer só no fim. **Segundo**, ele conecta teoria e realidade. Aprender modelo no quadro é metade do trabalho; a outra metade é ver esse modelo encostar no mundo.

Terceiro, ele forma um pensador, não só um técnico. Economia sem História, Filosofia, e até mesmo Literatura e boa escrita produz alguém que faz a conta, mas pode não entender os desdobramentos reais do que a significa. **Quarto**, ele tem um corpo docente com equilíbrio entre formação de ponta, pesquisa e sala de aula. Esse professor é raro: publica coisa séria e ainda dá uma aula que encanta.



6.2 · Como a Belavista responde

Com os critérios na mão, veja como a Belavista responde a cada um. E repare que cada resposta é consequência do que você leu neste livro.

Você viu no capítulo 4 que um modelo só vale se passa no teste dos dados. É por isso que aqui se programa desde o primeiro semestre, e o curso segue por estatística, econometria, Python e ciência de dados, em formação bilíngue. Não dá para testar modelo sem saber usar dado.

Você viu também que teoria sem prática é mapa que fica na gaveta. Para isso existem o **Conexão Mercado**, que traz todo mês executivos e líderes que vivem na prática as decisões estudadas em sala, e o **Imersão Brasil**, que leva o aluno para dentro do país real, das empresas às regiões que ele só conhecia de longe.

E viu, desde o primeiro capítulo, que Economia é a soma de métodos com problemas humanos. A metade humana tem casa própria aqui: o **Core Curriculum** coloca ética, antropologia, filosofia política e literatura no meio do curso e sendo cursadas juntas com alunos da graduação em Direito. O corpo docente segue o critério que você acabou de aprender, gente com formação de ponta, de lugares como Chicago, Cornell, Toulouse, USP e FGV, que pesquisa e dá aula. E o Summit, programa de mentoria, acompanha cada aluno de perto ao longo do percurso.



6.3 · Por que isso importa

Falta a parte que mais importa, e ela desarma um mal-entendido. Uma formação boa assim abre muitas portas, é verdade. Mas o objetivo dela não é o seu salário. Quem procura Economia só para ganhar dinheiro entendeu pouco do que ela é, e provavelmente vai se dar melhor em outro lugar. A Belavista parte de uma convicção simples: um bom economista é feito de uma sólida e forte base acadêmica e de uma visão humanística de grande impacto transformador. **Aqui se forma gente para fazer diferença na vida dos outros, e o dinheiro terminar** sendo uma consequência disso.

Vale confessar uma coisa agora. O jeito de pensar que você treinou neste livro inteiro, custo de oportunidade, margem, o cuidado com causa e efeito, é o mesmo ensinado nos melhores lugares do mundo, como o curso Economics for Everyone, da Universidade de Chicago. Não foi coincidência, foi de propósito. É essa forma de estudar Economia que a Belavista trouxe para o Brasil. E, se você quiser sentir isso na prática antes de decidir qualquer coisa, existe o **EconoChallenge**, um desafio com curadoria de Chicago, e a porta ainda mais fácil de abrir é uma visita à faculdade.

A jornada é exigente. Mas é uma exigência escalonada, com tempo para crescer e gente para caminhar junto. Falta só a última página. E, se você chegou até aqui animado, ela talvez não traga surpresa nenhuma.





Talvez, você já tenha feito sua escolha..

Chegou a hora de contar o que este livro fez com você.

Nas primeiras páginas, prometemos que você não ia apenas ler sobre Economia, ia usá-la. E foi o que aconteceu. Quando pesou o que ganharia aqui contra o seu tempo, você otimizou. Quando comparou Economia com o outro curso que te atrai, calculou um custo de oportunidade. Quando percebeu que anos se imaginando em uma carreira não bastam para escolhê-la, deixou um custo irrecuperável para trás. Quando transformou o medo da matemática na pergunta sobre o próximo degrau, pensou na margem. **Você passou este livro inteiro raciocinando como economista sobre a maior decisão que tem hoje.**

E isso nos diz algo. Um economista de verdade nunca diz aos outros o que eles deveriam querer. Ele ajuda a enxergar as escolhas com clareza e devolve a decisão a quem ela pertence. Este livro termina do mesmo jeito: a resposta é sua, e ninguém a dará por você.

Mas seria desonesto fingir neutralidade sobre um ponto. Se você chegou até aqui, se atravessou custo de oportunidade, margem, modelo e causalidade e terminou mais curioso do que cansado, **isso é uma forte indicação de que Economia é o seu curso.** Quem não tem estômago para essa lente costuma parar muito antes desta página.





Se for esse o seu caso, fica um convite, um só: venha conhecer a Belavista de perto. Visite a faculdade, converse com os professores e os alunos, e sinta como é estudar Economia do jeito que este livro mostrou. Se preferir começar por um desafio, o EconoChallenge existe exatamente para isso.

E se, ao contrário, este livro te mostrou que o seu caminho é outro, ele também cumpriu o papel. Você fez, com método, uma escolha que a maioria faz no escuro. Isso já é pensar como economista.

Escolha ser mais.



Saiba mais sobre **o nosso Processo Seletivo**



[CLIQUE PARA ENTRAR EM CONTATO](#)